

## A INVISIBILIDADE DA LITERATURA DE MARIA FIRMINA DOS REIS

José Jonas Mangueira da Silva; Gessé Gabriel de Almeida Silva; Prof. Sérgio Araújo de Mendonça Filho

(Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba)

**Resumo do artigo:** O presente artigo trata da vida e obra da autora maranhense Maria Firmina dos Reis, dando enfoque ao livro *Úrsula* e a invisibilidade que recai sobre ela. O livro coloca, pela primeira vez na história da literatura brasileira, o negro para falar sobre seus sofrimentos. Sua estética muito se assemelha aos romances e de seu movimento, com a caracterização dos personagens semelhantes à escola literária da época. Denotando pinceladas de religiosidade e exaltação à natureza, o livro apresenta os sofrimentos dos personagens diante dos seus infortúnios – algo que é característico do movimento, com a presença do condoreirismo nos textos. Apesar de tamanho pioneirismo e importância, Maria Firmina sofreu com uma invisibilidade que durou, após sua morte, 44 anos e ainda hoje perdura nas escolas do ensino médio de todo o país. A justificativa está na discriminação que sofreu da sociedade nos dias de sua vida, pois ela não entrou para o cânone por causa da sua etnia e de seu gênero e sua ocultação perdura até os dias de hoje pois poucos autores e historiadores da nossa literatura escreveram sobre ela, se não a acham nos livros que estudamos, como podemos então conhecer tamanha personagem da história da literatura brasileira? Apesar disso, desde sua redescoberta, vários estudiosos e pesquisadores escreveram sobre ela e para este artigo pesquisou-se em vários desses textos para conhecimento da biografia da autora e para compreendermos sua obra, que é raro de se encontrar em sua forma física. Neste artigo procuramos apresentar a autora e sua obra e revelar as causas de sua invisibilidade.

**Palavras-chaves:** Maria Firmina dos Reis, afro-descendência, literatura, invisibilidade.

### Introdução

A literatura, do latim *littera*, tem uma extrema importância na existência e no progresso humano por nos revelar a sociedade de uma época, seus costumes, hábitos, visão de mundo e como os vê determinador escritor. No momento que o autor está escrevendo, ele não só está contando uma história, mas também nos apresentando fatos, sua mundividência, pois é o seu olhar para o mundo que lemos em sua obra.

“O poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade.”

(Sainte-Beuve apud CANDIDO, 2000, p. 18)

Exemplos disso são as obras de Homero (*Ilíada* e *Odisseia*), que nos descreve a Grécia antiga; os livros de Lima Barreto, Euclides da Cunha, Machado de Assis, entre outros, que denunciaram os males da sociedade brasileira em suas respectivas épocas.

Portanto, a literatura é forte e poderosa com as possibilidades de ser influenciada e influenciar a sociedade de seu tempo e de épocas futuras. No

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

[www.joinbr.com.br](http://www.joinbr.com.br)

entanto, nem sempre a influência de uma obra é reconhecida no seu devido tempo. A visibilidade de uma obra, e de um autor, pode mudar muitas coisas, seja na coletividade, ou na mente de cada pessoa que entrar em contato com a obra. Por essas razões um autor ou autora que representar uma minoria e por ela falar deve ter um pouco da atenção do seu país.

Um artista que representa uma minoria pode influenciar beneficentemente jovens e crianças, pode mostrar a importância dessa minoria para a história do seu país de origem. Uma personalidade que escreveu em prol de uma minoria, que é importante para a história brasileira, atual e em sua época, mas que mesmo assim não recebe o reconhecimento que a ela lhe é devido é a autora nordestina, negra, pobre e bastarda Maria Firmina dos Reis.

Uma autora que estampa tantas características alvo de preconceito merece um momento especial nas salas de aula e em nossa cultura. Maria Firmina escreveu o primeiro romance abolicionista do Brasil (Úrsula, 1859), se tornando a primeira romancista brasileira. Entretanto, muitos estudiosos ainda consideram a paulista Teresa Margarida da Silva e Orta (1711-1793) a primeira mulher a escrever uma ficção no Brasil, mas esse fato é contestável já que ela passou a maior parte de sua vida em Portugal e suas obras foram lá publicadas. Apesar disso, a importância de Maria Firmina dos Reis e sua existência só ficaram conhecidas na década de 1960, quando seu livro, já citado, foi descoberto por Horácio de Almeida em uma de suas compras de livros usados.

O presente artigo tem como objetivo comprovar, investigar e apontar as causas da invisibilidade de uma mulher escritora tão importante que perdura até os dias de hoje - mesmo depois de 57 anos de sua redescoberta - até nos ambientes acadêmicos e mostrar a importância do ensino sobre ela nas escolas, reconhecendo sobretudo o valor estético da sua obra e o que ela representa para determinada minoria.

### **Metodologia**

As informações utilizadas foram coletadas por meio de pesquisa bibliográfica em livros, artigos, teses, dissertações e em conversas com professores da área. Houve dificuldades para encontrar as obras da autora e sobre ela, resultado ainda da sua invisibilidade e do pouco investimento posto sobre ela. Para entendermos melhor sua ocultação, investigou-se alguns livros didáticos e os maiores títulos sobre a história da literatura brasileira. No entanto, o livro mais importante e norteador desse artigo é *Literatura (quase sempre) Marginal* de Carlos Gildemar Pontes, Poeta, ficcionista, ensaísta e editor

da Revista Acauã. Professor de Literatura da UFCG. Cursa (2007) Doutorado em Literatura e Cultura na UFPB. Ele apresenta a literatura marginal como sendo escrita e/ou protagonizada – e/ou mesmo, ter como temática – os marginalizados, cita autores importantes como Lima Barreto, Tancredo Lobo, entre outros.

### **Uma Sociedade Patriarcal e Escravista**

A partir da vinda da família real portuguesa para sua maior colônia, em 1808, o Brasil “começou a viver um processo de independência virtual, tornada efetiva em 1822 depois que o soberano voltou a Lisboa por exigência dos seus súditos portugueses.” (CANDIDO, 2002, p. 10). Além de abertura das importações, de indústrias e manufaturas no Brasil, a administração joanina trouxe para o Brasil a Imprensa Real, o Teatro Real, a Academia Real Militar, a Academia Real de Belas-Artes, a Biblioteca Real, que estimularam a colônia à produção artística, científica e cultural, e também ocasionou a vinda da missão artística francesa que manifestou as paisagens e costumes brasileiros desde da corte no Rio de Janeiro ao sertão (VICENTINO; DORIGO, 2001, p. 317).

Apesar dessa evolução na cultura, o Brasil ainda era elitista, escravista e patriarcal, seguindo assim as características da Europa colonizadora. Por esse motivo, aqueles que não estavam enquadrados em determinados padrões (que nesse artigo iremos chamá-los de marginalizados) não tinham o mesmo tratamento dos demais. Analisemos então a sociedade oitocentista após a independência brasileira.

O Brasil servia-se ainda do trabalho escravo fomentado pelo baixo custo de mão de obra, o darwinismo social – que “cientificamente” dizia que a etnia ariana era superior as outras, entre outros. Durante o século XIX o Brasil recebeu o maior número de escravos, se contabilizarmos os quase trezentos anos do tráfico humano, e apesar da proibição deste comércio em 1831, ele perdurou até 1850 trazendo um milhão e meio de africanos. (REIS João José, 2000).

Conquanto o direito à liberdade e igualdade ter sido proclamado em 1824, a escravidão continuava, visto que a maioria da sociedade via os afrodescendentes como inferiores mental, social e moralmente. Mas essa contradição existente na sociedade gerou uma discussão sobre o sistema de escravatura em que o país tinha sua economia baseado (MONTEIRO, 2014 P. 5). Para contrapor o crescimento do movimento abolicionista, a elite brasileira criou a imagem da

boa escravidão, em que o negro era feliz em ser escravo.

No âmbito educacional, pouquíssimos eram os negros que ingressavam na escola, pois em alguns estados só era permitida o ingresso de negros livres, e em outros era proibida a matrícula do negro. Mas com a reforma educacional implementada pelo Ministro do Império Carlos Leôncio da Silva Carvalho através do decreto nº 7.247 de 19 de abril de 1879, os escravos tinham a permissão de ingressar nas escolas públicas.

Não só os afrodescendentes sofriam com a desigualdade nas salas de aula do Brasil oitocentista, mas também as mulheres. Desde pequenas eram ensinadas a serem boas esposas, já que a mulher era vista como mais fraca, menos inteligente e por isso deveria ser submetida ao homem. Nísia Floresta, em sua obra “Opúsculo Humanitário”, ao falar da situação da educação das meninas em seus dias nos revela:

“Na província de Minas, onde a instrução se acha mais geralmente difundida, entre 209 escolas de primeiras letras, só 24 pertencem ao sexo feminino. Considerando-se esta tão desproporcional diferença, o sexo parece permanecer ali debaixo da influência do anátema que fulminara sobre ele um dos mais notáveis presidentes daquela província. Tratando das cadeiras públicas de ensino primário, dizia ele que "deve-se ensinar às meninas tudo quanto convém que saiba uma mulher, que tem de ser criada de si e de seu marido." [...]. A província do Rio de Janeiro, com 116 escolas, dá ao sexo 36. No município da Corte, a sede do governo imperial, onde devia-se mais facilitar a instrução do povo, acham-se apenas criadas 9 aulas de meninas.” (FLORESTA, 1853, p. 82)

Ademais, Floresta diz que as outras províncias não se diferem das citadas. Segundo José Ricardo Pires de Almeida (apud SILVA, 2009), em todo o império em 1832 existiam 162 escolas para meninos em detrimento de 18 para as meninas distribuídas pelo Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Piauí, Mato Grosso, Goiás e Rio Grande do Sul. Além disso, havia muita dificuldade de encontrar novas professoras, pois as instruções delas eram nulas ou quase isso e os costumes patriarcais não permitiam às mulheres os cargos públicos (SILVA, 2009).

### **Maria Firmina dos Reis: Uma mulher à frente do seu tempo**

Em meio a essa sociedade carregada de preconceito, em 11 de outubro de 1825 nasce em São Luís/MA Maria Firmina dos Reis. Registrada como a prole de João Pedro Esteves e D. Leonor Felipa dos Reis. Era bastarda, negra e pobre. Por seus pais não terem uma boa condição financeira, Firmina dos Reis aos cinco anos



fora viver com uma tia que tinha melhores condições financeiras e com ela passou boa parte de sua vida em Guimarães/MA, onde também morreu aos noventa e dois anos em 11 de novembro de 1917, “solteira, pobre e cega” (Luiza Lobo apud OLIVEIRA, 2007, p. 12).

Maria Firmina foi autodidata e, segundo consta em diversos poemas de sua autoria, fora ajudada culturalmente pelo gramático, escritor e seu primo por parte materna Francisco Sotero dos Reis (1800-1871). Contrapondo o preconceito contra os negros (escravos e alforriados) e os mulatos existente na sociedade dos oitocentos, em 1847, com 22 anos, ela é aprovada em um concurso estadual para a cadeira de instrução primária de São José de Guimarães, no Maranhão. Sobre o recebimento alusivo à sua designação ao cargo, Eleuza Diana Tavares (2007) fala: “Segundo a tradição oral, resgatada por Nascimento Morais Filhos [em seu livro “Maria Firmina, fragmentos de uma vida”] quando Maria Firmina foi buscar o documento referente à sua nomeação, propuseram-lhe que fosse de palanquim, o que foi por ela recusado. Afirmou que “negro não era animal para andar montado nele”. Continuou no cargo até se aposentar, em 1888; após sua aposentadoria fundou a primeira escola mista do Brasil, mas por ser gratuita foi obrigada a fechá-la dois anos depois (MENEZES, 1978, p. 570-571).

Começou sua vida como autora em 1859, publicando seu primeiro romance com o pseudônimo de “Uma Maranhense”: *Úrsula*, que é considerado o primeiro romance escrito por uma mulher e publicado aqui no Brasil, e o primeiro romance abolicionista brasileiro. Além de mestra e escritora, Maria Firmina também fora compositora (compôs o Hino à Liberdade dos Escravos), poetisa (“Contos à beira mar”, seu livro de poemas), contista (“A escrava” e “Gupeva”).

Fora muito bem elogiada pelos jornais da época. Como nos expõe Adriana B. de Oliveira (2007), é o caso dos jornais *Jardim dos Maranhenses* e *A imprensa* que demonstraram o relativo sucesso da autora:

“A pena da Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis já é entre nós conhecida...”  
(*Jardim dos Maranhenses*, 30 de set. de 1861, num. 24)

“De há muito que todos conhecem os talentos e a habilidade da autora de *Úrsula*, assim não causou estranheza as poesias que mandou para o Parnaso” (*A Imprensa*, 19 de outubro de 1861).” (OLIVEIRA, 2007, p. 13)

No entanto, suas obras foram esquecidas, e só voltaram à tona quando o paraibano Horácio de Almeida encontrou o livro *Úrsula* em uma de suas aquisições para a sua biblioteca pessoal:

“Faz coisa de seis ou oito anos comprei um lote de livros, entre os quais vinha uma pequena brochura, que me despertou a atenção. A bem dizer, foi por causa

dessa brochura que adquiri os livros em apreço. ” (ALMEIDA;1975)

Desde então sua obra tem sido redescoberta por vários estudiosos e pesquisadores, mas ainda há um problema: 42 anos após a publicação fac-similar da obra de Maria Firmina dos Reis, ainda não ouvimos seu nome em aulas sobre o movimento romântico brasileiro nas salas de aula do ensino médio Brasileiro. O porquê desse fato é o que pretendo demonstrar neste texto, mas antes precisamos conhecer um pouco da obra da autora maranhense em questão para termos em conhecimento porque seu ensino seria de grande importância para os jovens brasileiros.

### **A obra mais importante de uma autora que era a voz dos marginalizados**

A obra completa da vida de Maria Firmina dos Reis é pequena, porém é diversificada e permeada pela fala a favor dos marginalizados pela sociedade, pela admiração à natureza, por um pouco de religiosidade e por amor. Para que se possa discorrer com mais propriedade, escolhi o romance Úrsula.

O livro tem características claramente românticas: desde a caracterização da heroína ao final trágico. Publicado com um pseudônimo de “Uma Maranhense”, Úrsula se apresenta totalmente diferente dos romances da época, pois dá a voz aos negros e as mulheres para que falem sobre seus sofrimentos. Entretanto, Firmina dos Reis sabia das dificuldades que sua obra encontraria, e demonstra isso no seu prólogo quando diz saber o preconceito que o livro teria por causa de sua autora:

“Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação de homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais e pouco lida, o seu cabedal é quase nulo”.

(REIS, 1859, p. 5)

A trama conta a história da jovem Úrsula que se apaixona por Tancredo e juntos querem viver um grande amor, porém esse sonho é destruído quando seu tio, o comendador Fernando P...., se apaixona pela sobrinha e não permite que os dois vivam sua história de amor ao matar Tancredo. Úrsula, muito angustiada e deprimida com a perda, enlouquece e acaba levando seu tio à morte por desgosto, pois ele se arrependia de ter feito o que fez. O livro é narrado em terceira pessoa e permite que seus personagens contem sua história, de uma forma polifônica, encaixando suas histórias na trama (TAVARES, 2007).

Vinte e dois anos antes de Castro Alves denunciar os males da escravidão com o livro de poemas Os Escravos, Maria Firmina, escreve sobre o tema em seu livro, não só mostrando os males da escravidão, mas colocando isso na visão do

escravo, dando voz aos cativos. E, por mais que os personagens principais sejam brancos, quem realmente rouba a cena são os personagens Túlio (que salva a vida de Tancredo após um acidente) e a Preta Suzana (que demonstra em todo a sua participação no livro a sua lealdade a sua moral).

Ao sermos apresentados a Túlio, descobrimos que ele sofre por ser escravo e a narradora nos conta isso criticando a escravidão:

“Assim é que o triste escravo arrasta a vida de desgostos e martírios, sem esperança e sem gozos! Oh! Esperança! Só tem os desgraçados no refúgio que a todos oferece a sepultura! [...] Senhor Deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima – ama a teu próximo como a ti mesmo-, e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante! ...a aquele que era livre no seu país... a aquele que é seu irmão?!” (REIS, 1859, p.14)

No decorrer da história a voz é passada para a velha Preta Suzana, que cai em lembranças tristes e dolorosas ao ouvir de Túlio a citação de seu país, e pela primeira vez na história da literatura brasileira, um negro contará a forma em que foi trazida para o Brasil, mostrando-nos e aos leitores brasileiros oitocentistas uma nova versão da história já contada pelos colonizadores:

“Meteram-me a mim e amais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos n’essa sepultura até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água.” (REIS, 1859, p. 92-93)

Ou seja, no seu livro, Maria Firmina coloca o escravo como um sujeito visível, pleno e com uma moral pessoal. Nossa autora Maranhense também demonstra o caráter abusivo e possessivo para com as mulheres dos homens oitocentistas brasileiros. Cada personagem é ligada a algum personagem masculino e em quatro casos há uma amostra de possessividade e dominação, são as relações de:

- A Mãe de Tancredo e seu marido: *“É que entre ele e sua esposa estava colocado o mais despótico poder: meu pai era o tirano de sua mulher; e ela, triste vítima, chorava em silêncio, e resignava-se com sublime brandura. Meu pai era para com ela um homem desapiadado e orgulhoso...”* (REIS, 1859, p. 46-47);

- Luiza P... e o seu marido, Paulo B....: *“Paulo B... não soube compreender a grandeza de meu amor, acumulou-me de desgostos e aflições domésticas, desrespeitou seus deveres conjugais, e sacrificou minha fortuna em favor de suas loucas paixões.”* (REIS, 1859, p. 81)
- Luiza P... e seu irmão, o comendador Fernando P....: *“Amou-me, amou-me muito; mas quando tive a infelicidade de incorrer o seu desgosto, todo esse amor tornou-se em ódio, implacável, terrível e vingativo.”* (REIS, 1859, p. 80). O ódio de Fernando P... por Luiza ter se casado com alguém que ele não queria fez com que ele ordenasse o assassinato do seu cunhado, esposo de Luiza, e que comprasse as dívidas do casal e não deu nenhuma assistência à sua irmã que ficou paralítica.
- Úrsula e seu tio, o comendador: *“Mulher altiva, há de pertencer-me ou então o inferno, a desesperação, a morte serão o resultado da intensa paixão que ateaste em meu peito.”* (REIS, 1859, p. 108).

É importante ressaltar o papel de Fernando P... na estória, ele vai muito além de ser só um mero antagonista, mas ele é a representação de um senhor de escravos cruel, machista e vingativo que dê certo encontrou vários exemplos para se assemelhar na vida real. Sua crueldade com as mulheres e com s escravos é uma coisa clara na obra de Maria Firmina quando ela escreve sobre o tratamento que ele dava aos seus escravos que era regado a muita tortura e trabalho (REIS, 1859, p.116-117). Ela monta também o perfil de um homem certo e justo, que é corajoso, abolicionista e trata de modo digno as mulheres, em detrimento do perfil da personagem Fernando P..., que é o de Tancredo que era contra o tratamento abusivo dado às mulheres desde criança quando via a relação de sua mãe e seu pai.

O livro Úrsula vai além das expectativas e se mostra de grande importância n o conhecimento da história do povo brasileiro em um olhar mais pessoal e moral. Usando essa obra Maria Firmina desmonta a visão de uma boa escravidão dada pela elite brasileira e mostra as angústias que as mulheres passavam nas mãos de homens machistas. Sua importância, portanto, é gigantesca.

### **A Invisibilidade da literatura de Maria Firmina dos Reis e suas causas**

Como já foi dito: Maria Firmina foi redescoberta em 1961 por Horácio de Almeida, antes disso ela só foi mencionada em dois livros: o *Dicionário Bibliográfico Brasileiro* (1900), de Sacramento Blake, e *Dicionário Literário Brasileiro* (1978), de Raimundo Menezes. A ausência de Maria Firmina dos Reis é percebida em vários livros didáticos e nas maiores obras sobre a história da nossa literatura, tais como a



*História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi, *História da Literatura Brasileira*, de José Veríssimo, *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, de Antonio Candido, *Literatura brasileira: das origens aos nossos dias*, de José de Nicola, *Estudos de literatura brasileira*, de Douglas Tufano, entre outros. Por que então uma autora tão importante para a nossa literatura sofreu tão injusto apagamento? Para responder esta pergunta precisamos voltar a sua época.

É notória a semelhança do que aconteceu com ela e o que aconteceu com Lima Barreto: ambos eram negros, ambos falavam pelos marginalizados, ambos sofreram um tipo de invisibilidade. Lima Barreto até morrer, Maria Firmina depois da morte até 44 anos após sua morte. Assim como o autor carioca, Maria Firmina sofreu com o racismo desde criança e além disso também teve que enfrentar o machismo dos homens da época.

Sabemos que Maria Firmina era uma marginalizada naquela época, e em sua obra completa – desde os livros, poemas e contos até a música – ela falou a favor dos marginalizados. Logo, ela se inclui em um tipo de literatura: a literatura marginal, que “está de fora do processo de produção convencional e dos cânones literários de onde se insurge” (PONTES, 2002, p. 34). Especificamente, e utilizando a classificação de Sérgio Gonzaga (apud PONTES, 2002, p.35), ela estaria enquadrada em dois tipos de literatura marginal: marginal da linguagem, por destoar da linguagem que está no poder, e uma marginal que produz sobre a vida marginal, que no caso é os dos escravos e das mulheres.

Comprova-se ainda mais o que já foi dito quando, em conversa com a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Riambau Pinheiro da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), nós ouvimos ela dizer que o cânone, na verdade, busca fixar valores que “representam” uma época histórica e/ou cultural para estabelecer uma conexão com o país que o representa.

O perfil de valores predominante da literatura do cânone oitocentista está relacionado ao, entre outros, patriarcalismo e ao arianismo, e a pluralidade de ideias e histórias que abrange de forma singular é escolhido pelo grupo dominante (MOREIRA, 2011, p. 19).

Tendo em vista o tratamento que as mulheres e os negros recebiam, Maria Firmina não foi muito bem recebida pela elite que comandava o cânone: ela era uma mulher que não tinha o direito a fala nem aos estudos como os homens; e era negra numa época em que acreditavam serem os negros menos inteligentes. Não só isso, ela estreia com um livro que desmorona com a ideia da boa escravidão, pedindo o fim do regime escravista no Brasil, o que prejudicaria a elite brasileira que se enriqueceu com o tráfico negreiro. Quando Maria Firmina dos Reis confronta os dois modos de tratamento em seu livro

Úrsula, ela está enfrentando não só a sociedade preconceituosa que existia, mas também o cânone que era formado pelos que ela criticava implícita e explicitamente. Seus poucos livros, aparentemente, foram perdidos e seu nome foi encoberto por outros que entraram no cânone ou não sofreram discriminação.

Isso, no entanto, explica como ela foi encoberta até 1961, mas já se passaram 56 anos da redescoberta de suas obras, e, apesar de muitos estudiosos já terem escrito vários livros, vários artigos e várias teses sobre ela, sentimos ainda sua ausência no conhecimento do povo e nas salas de aula do Ensino Médio Brasileiro. E isso se deve ao fato de que muitos professores não conhecem ou pouco conhecem a autora de quem diz respeito este artigo, pois os livros de literatura utilizados não a colocam em sua historiografia, seja para os do Ensino Médio, ou seja para a graduação. E é aí que tudo começa, se os futuros professores não aprendem sobre uma personagem tão importante da nossa história, eles não poderão ensinar com tanta propriedade sobre ela.

Ensinar a literatura de Maria Firmina dos Reis é muito mais que só ensinar uma autora que ficou invisível, é ensinar uma autora pioneira que lutou pelo que acreditava, mesmo que isso fosse contra a maioria da sociedade de sua época; é ensinar a história afro-brasileira. E ensinando sobre a literatura Afro-brasileira estaremos alavancando o orgulho da nossa nação pela afro-descendência que temos em nossa linhagem cultural, social e étnica.

### **Conclusão**

Maria Firmina dos Reis venceu não só a sua sociedade machista, elitista, escravista e racista; ela venceu todas as consequências dos feitos dessa sociedade e conseguiu renascer 103 anos depois de publicar seu primeiro romance. Veio nos mostrando o perfil do senhor de escravos oitocentista, e toda a dor que os afrodescendentes sofreram com a escravidão.

Ela publicou poemas, contos, livros, músicas, peças de teatro e é uma inspiração para todos nós, brasileiros. Apesar disso, sofreu com a discriminação por ser mulher, negra e pobre, o que fez com que ela não estivesse no cânone brasileiro oitocentista. E por não estar presente nos livros da história da literatura brasileira, acaba sendo esquecida por alguns professores da graduação e do ensino médio brasileiro.

Mesmo assim, deve-se encorajar o estudante, mas principalmente, o professor a pesquisar sobre ela e tantos outros marginalizados que foram escanteados pelo cânone brasileiro. Como o filósofo e pedagogo Paulo Freire escreve em um de seus livros:

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei,

porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.” (FREIRE, 1996, p.14)

Ou seja, o papel do educador é sempre estar pesquisando e comunicando novidades do presente, do futuro ou do passado para que possa aprender e transmitir para os seus alunos. Os estudantes seriam mais conhecedores da história brasileira utilizando da obra literária de Maria Firmina para verem pelos olhos dos marginalizados. Os textos da maranhense também trariam um importante avanço no desenvolvimento da construção da identidade cultural e histórica afro-brasileira.

Maria Firmina sempre foi e sempre será uma mulher, negra, pobre, nordestina, bastarda, talentosa, forte, e a nossa eterna *Uma Maranhense*.

### **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, Horácio. Prólogo. In: *Úrsula: romance original brasileiro*. Ed. fac-similar. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora LTDA, 1975.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. 8ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

\_\_\_\_\_. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo. Humanitas / FFLCH / SP, 2002.

CORREIA, Janaína Santos. Maria Firmina dos Reis, vida e obra: Uma Contribuição Para a Escrita da História das Mulheres e dos Afrodescendentes no Brasil. *Femininos*, Bahia, v.1, n.3, 2013. Disponível em: <<http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/viewFile/27/71>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

FLORESTA, Nísia. *Opúsculo Humanitário*. ed. atual. São Paulo: Cortez, 1989.

MENDES, Algemira M. *Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláquia na história da literatura brasileira: representações, imagens e memórias nos séculos XIX e XX*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MENEZES, Raimundo. *Dicionário Literário Brasileiro*. 2. ed. rev. aum. e atual. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. 1978.

MONTEIRO, Roberta A. *A Inserção do negro na sociedade brasileira do século XIX e a questão da identidade entre classe e raça*. In: XXIII Congresso Nacional do CONPEDI /UFPB. João Pessoa, UFPB, nov. 2014. Disponível em:<<http://publicadireito.com.br/>

artigos/?cod=f87 b7d1f666a0a1d> Acesso em: 09 set. 2017.

MOREIRA, Fabio M. *O Cânone literário brasileiro: Preconceito e eugenia em “O presidente Negro”, de Monteiro Lobato*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, 2011.

OLIVEIRA, Adriana Barbosa de. *Gênero e etnicidade no romance “Úrsula”, de Maria Firmina dos Reis*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2007.

PONTES, Carlos Gildemar. *Literatura (quase sempre) marginal*. ed. 2. Fortaleza: Acauã Edições, 2002.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Edição fac-similar. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1975.

REIS, João José. *'Nos achamos em campo a tratar da liberdade': a resistência negra no Brasil oitocentista*. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)*. Formação: histórias. São Paulo: Senac, v. 1. 2000.

SANTOS, José Benedito dos. A literatura afrodescendente de Maria Firmina dos Reis. *Literartes*, São Paulo, n. 5, p. 184-208, 2016.

SILVA, Marcos. *História da educação brasileira*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009.

SILVA, Régia Agostinho da. A mente, essa ninguém pode escravizar: Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão. *Leitura: Teoria e Prática*. São Paulo, v. 29, n. 56, p.11-19, 2011.

TAVARES, Eleuza D. Almeida. Literatura e história no romance feminino no Brasil no século XIX: *Úrsula*. In: XII Seminário Nacional Mulher e Literatura e III Seminário Internacional Mulher e Literatura – Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural, do GT Mulher e Literatura da ANPOLL, Santa Cruz, UESC, out. 2007. Disponível em:< <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/ELEUZA%20DIANA%20ALMEIDA%20TAVARES.pdf>> Acesso em: 25 ago. 2017.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpolo. *História para o ensino médio*: volume único. São Paulo: Scipione, 2001.